

Indios da America do norte pescando ao candeio

Até ao anno passado, toda a Nova-Bretanha, á excepção do Canadá, do Novo-Brunswick, e da Nova-Escossia, estava nas mãos de uma companhia das mais poderosas que tem havido, e que só podia ser instituida pelo genio commercial da Inglaterra, a companhia de pelleterias da bahia de Hudson, cujo privilegio data de 2 de maio de 1670, mercadejando desde o 49° grau de latitude norte, até aos confins do oceano Glacial arctico.

No seculo passado teve ella um formidavel concorrente, que foi a companhia de Noroéste, dirigida por Makensie, o que descobriu o rio a que poz o seu nome. Muito tempo luctaram estas duas rivaes, chegando por vezes a baterem-se os seus destacamentos, com grande perda de parte a parte; mas a final reuniram-se n'uma só sociedade, e até hoje a companhia da bahia de Hudson não tem outra rival senão a companhia americana de pelleterias de S. Luiz.

Posto que aquella companhia tenha feito muitos beneficios á população indigena, porque a deixa viver em paz nas suas florestas, comprando-lhe os despojos das suas caçadas; comtudo, sendo senhora do maior territorio de caça que ha no mundo, o seu interesse é estorvar todas as tentativas de arroteamento.

Além d'isto, o monopolio que ella tem, mata todo o instincto de empreza, e corta o vôo da illimitada liberdade individual, unico systema que póde vir a povoar a America.

Não podia tal organisação ser indifferente aos estadistas da Gram-Bretanha; pelo que, em 1857, o ministro das colonias, M. Labouchére, nomeou uma commissão para estudar o meio de remediar os inconvenientes de tão amplo privilegio.

Depois de serio exame, e de um inquerito em que foram ouvidas as pessoas mais competentes, convenceu-se a commissão de que se devia deixar á companhia todo o territorio que não offerecia probabilidade de boa cultura; e annexar ao Canadá aquelle que fosse proprio para arrotear, taes como os campos do rio Vermelho, os districtos regados pelo Saskatchewan, e erigir em colonia separada a ilha de Vancouver.

O governo adoptou algumas conclusões do parecer d'esta commissão, tirando desde logo á companhia a vertente occidental das montanhas Pedregosas, e formando duas colonias dependentes da repartição do ultramar; a ilha conservou o seu nome; e a terra firme tomou o de Colombia ingleza.

Esta providencia, dizia o ministro propondo-a ao parlamento britannico, é imperiosamente reclamada pelo descobrimento de minas auriferas; mas S. M. julga que isto é o primeiro passo para que as suas possessões do norte da America entrem em novo caminho, qual é o de unir para o futuro o Atlantico com o Pacifico, por uma cadeia não interrompida de centros populosos.

N'este sentido foram redigidas as instrucções dadas a M. Palliser, encarregado de explorar os districtos comprehendidos entre o lago Winnipeg, e as

montanhas Pedregosas, estudando ao mesmo tempo o traçado da via de communicação que se deve estabelecer.

Do relatorio d'este commissario regio é que nós tirámos a curiosa estampa que hoje publicámos para acompanhar esta noticia.

Os pescadores que representa a gravura são os indios chamados *satús*, que habitam nas montanhas Pedregosas, e vivem da pesca, porque n'aquella região não ha bisontes, que são os toiros da America septentrional.

A America, como é sabido, compõe-se de duas peninsulas reunidas pelo isthmo de Panamá a um espinhaço de montes. Fórma desde o cabo Troward (estreito de Magalhães) até ao cabo do principe de Galles, uma cordilheira proxima ao grande Oceano, e mui afastada do oceano Atlantico, a qual marca a linha divisoria das aguas, dividindo por consequencia cada uma das peninsulas em duas vertentes diversas, uma, muito rapida e estreita, para o grande Oceano, quasi inteiramente privada de torrentes caudalosas; a outra, muito placida e larga, para o oceano Atlantico, cortada pelos maiores rios do mundo.

Chamam-se montanhas Pedregosas as que ficam na parte mais septentrional da cordilheira.

Algumas d'estas formidaveis montanhas, cujos ápices são comparaveis aos dos Alpes, tem já uma passagem accessivel na altura de 1509 metros sobre o nivel do mar.

Os indios que as habitam são mui pacificos e laboriosos. Os missionarios catholicos que alli os tem ido catequisar, louvam muito a sua indole e docilidade.

O TIO PEDRO

(Conclusão. Vid. pag. 34)

O lance era terrivel!

Pois não se ia n'esta carta a minha ultima esperança, a minha felicidade, a minha vida, a minha alma?

Tornei machinalmente a estender a mão. O portador, cubiçoso de ganhar os dois soldos que lhe havia promettido, n'uma d'estas minhas hesitações, teve arte de me arrebatar a carta, e abalar com ella.

Quiz correr sobre elle. Mas não... estava decidido... detive-me valorosamente. Fiquei firme, immovel, porém trémulo como a flecha quando se crava. Encostei-me com uma das mãos á parede, e com a outra, comprimindo o coração, que me estalava, segui o moço e a carta...

Cheguei rapidamente á outra extremidade da casa. A passos largos fugi para o campo, para o bosque, bradando fóra de mim:

— Lá recebe ella a carta... abre-a... lê-a... chama sua mãe... e depois...

Até pela manhã, caminhando, febril, louco e incessantemente, para me aturdir, repetia estas duas palavras que eu via luzir nas trevas em caracteres de fogo: «Casa com Diogo! casa com Diogo!»

XII

Chegou a final o dia do noivado. Na vespera havia eu ido para o mar. Todo o dia bordejei á tôa. Mas ao declinar da tarde, como por crueza infernal, as ondas arrojavam-me para a praia de Villerville, constrangendo-me a pairar em frente das luzes fulgurantes do festim!

Tenho ouvido fallar em horrorosos supplicios que d'antes havia... os tratos, as rodas... de infelizes a quem se arrancava a lingua e as unhas, a quem quebravam os ossos, escorchavam e queimavam vivos. Pois juro-vos que todos esses martyres padeceram menos que eu, durante esta noite.

A final já não podia mais; deitei a ancora, atraquei á praia, metti-me atraz das sebes, e cheguei ao prado em que se celebrava a boda (onde tambem deveriam ser as nossas...), encobri-me com o matto, e observei.

Pobre Maria! haviam-n'a obrigado a dirigir as canções, e por consequencia estava cantando; era a canção do rosal — sabeil-a? Quando ella acabou a ultima copla, um maritimo accendeu o cachimbo ao pé de mim, a luz deu-me em cheio; Maria viu-me então, e, dando um grito, caíu. Corri para ella, e Diogo correu quasi ao mesmo tempo que eu. Mas, sem mostrar ciume nem colera, antes apertando-me a mão com certa amizade, e olhando para Maria que ia tornando a si:

— Não tenhas medo, disse elle admirado.

Era um excellente homem, Diogo. Não adivinhaes ainda o que elle fez?... Oh! quem o adivinhára?

Elle que de ordinario era tão pacifico, tão bom, tão sobrio, dir-se-hia que se houvera tornado outro homem! Fazia tamanho alarido, que era mister recordar-se-lhe o festim das nupcias; pedia cidra, vinho, aguardente... muita aguardente. Passado um quarto de hora estava embriagado, ou pelo menos parecia-o.

Pela noite adiante, tinha Diogo posto tudo em desordem, implicado com todos os rapazes, e afugentado as raparigas todas. Pela manhã levou Maria para casa da mãe, e entregou-lh'a fazendo um motim escandaloso, a ponto de querer bater em ambas.

— Virgem Sanctissima, exclamou Joanna depois d'elle saír, que pessimo homem! Fostes vós, Maria Sanctissima, que m'o fizestes conhecer a tempo de obstar alguma desgraça. Quem o havia de suspeitar? Minha filha jámais será sua mulher!

Effectivamente desmanchára-se o casamento. O noivo de Maria tinha sido posto para sempre fóra de casa de Joanna, com applauso unanime da aldeia toda, que se retirava repetindo com ella:

— Que mau homem!... Quem tal diria? Que selvagem!...

Oh! mas não era assim! Se Diogo nos tinha comprehendido, tambem nós depois o comprehendemos a elle.

Pouco depois voltou ao campo — que já estava deserto. Achava-me eu ainda alli. Maria não tardou a apparecer, curiosa e furtivamente. Diogo veiu collocar-se entre nós ambos, e recobrando a razão como por encantamento, tornou-se tal qual era. Foi bastante olhar-nos sorrindo, e estender para nós as mãos em que trazia o ramalhete e a sua fita de noivo. Oh! com que gratidão e alegria lhe não apertámos aquellas generosas mãos! Como eu e Maria o abraçámos!... Como ambos lhe dissémos do intimo d'alma:

— Obrigado, meu amigo!... obrigado, Diogo!...

XII

Depois d'esta scena não se fallou mais no casamento de Maria. Ultima dor cem vezes abençoada, que nos havia reconciliado! Ainda que já nos não procurassemos, ao menos não nos esquivariamos.

Todos os domingos, como nos felizes dias da nossa mocidade, renovava o meu costume de lhe offerecer agua benta á saída da egreja.

Durante a missa retomei tambem o meu logar hereditario no mesmo banco que ella. Por uma singular ironia do destino, Cesarina e seus filhos encontravam-se comnosco tanto na egreja como na rua. E comtudo, isto não impedia que trocassemos aos

domingos os nossos livros de missa, que eram eguaes, porque eram os das nupcias, de modo que pela semana adiante, rogava Maria por mim no meu livro, em quanto eu rogava por ella no seu. Depois, quando vinha do mar, ia eu para a horta... que fica, como sabeis, defronte da sua janella.

Nunca embarco sem passar por diante da casa da tia Joanna, e sem me cair no caminho uma flor, uma fita, uma reliquia, que toda aquella semana me livra dos perigos do mar!

Navegando, vejo muitas vezes acenar-me um lenço branco, que parece dizer-me de longe: — coragem, meu amigo!

Quando ás noites não ha cerração, fito os olhos na luz que allumia a janella; é este o meu pharol, a minha estrella. Não se diria que eramos mulher e marido? Mas não!

Depois de poucas palavras, algum aperto de mão, olhares, sorrisos, puerilidades, sonhos!

Eis-aqui a nossa união n'este mundo, até quando formos chamados lá do alto, ou, como diz o sr. prior, até que Deus case as nossas almas!

Ah! já bastantes annos tem decorrido... Mas se durante esse tempo o ceo permitisse, seriamos felizes!

XIV

E o pobre Pedro deixando cair a cabeça nas mãos, chorava em silencio. Em silencio chorava eu tambem.

Que lhe havia de dizer? Não era o seu pezar dos que se consolam. Além disso não tive tempo.

De repente veiu o vento enfunar as vélas. Pedro levantou-se logo, triste, mas socegado, como sempre.

— Olá, rapazes, álerta, temos vento!...

XV

O verão havia passado, estavamos no inverno. Quando cheguei a Villerville, vejo em grande folguedo a aldeia.

— Que ha de novo? perguntei eu a um pescador velho que encontrei na praia.

— Que ha? me responde elle com ar jovial. É possivel que o não saibaes?

— Não sei.

— Ha seis mezes que morreu Cesarina.

— E é por isso que...

— Não. Mas ha effectivamente seis mezes. Os proprios filhos já a não choram. E comtudo, tem coração.

— Mas o que ha por cá?

— O casamento de Pedro com Maria.

— Foi esta manhã...

— Ha uma hora.

Já não ouvi o resto; achava-me então no alto dos penhascos; em dois minutos apenas, estava á porta da casa dos noivos.

Pedro, vestido de panno, e tão jovialmente transformado, se bem que rejuvesnecido pela felicidade que não esperava, recebia os parabens de todos os pescadores que o amavam.

Não m'o tinha elle dito, n'aquella noite a bordo? «É-se bom quando se ama.»

Abriu-se a porta do quarto do fundo. Appareceu a noiva ainda joven, e sempre bella! O seu futuro sobrinho lhe dava a mão, um bello rapaz de vinte annos. Atraz d'ella vinha compondo-lhe o véo branco, sua nova sobrinha, que era uma linda rapariga.

Quando Maria chegou ao pé de Pedro ambos ajoelharam aos pés de Joanna, dizendo:

— Minha mãe!

Até alli só a velha Joanna não chorava de enternecimento, e muito bem sentada resmungava:

— Vossa mãe... sim... agora... sim... meus filhos!

Talvez acrescentasse lá para si, e com alguma razão:

Agora, que já aqui não está Cesarina!

Depois aproximei-me eu. Abracei a noiva, apertei cordialmente a mão do meu hospedeiro, e com voz commovida, lhes disse:

— Excellente Pedro e adoravel Maria, parece que a ventura só vos chegou no outono. Mas o coração não envelhece, e para amores taes como os vossos a primavera é eterna!

*

Esta historia, escripta em Paris, por C. Deslys, obteve o segundo *accessit* conferido pela sociedade dos homens de letras aos contos moraes.

OS PORTUGUEZES NA CHINA

(Vid. pag. 37)

III

El-rei D. Manuel, não sabendo qual o exito que tivera a embaixada de Thomé Pires, mas costumado a ser venturoso em todas as suas emprezas, suppoz que tinha as pazes feitas com o imperador; e n'esta persuasão, mandou na frota do anno de 1521, que para a India saiu de Lisboa em 5 de abril, um capitão especial com quatro velas, para fazer uma fortaleza e levantar feitoria na China. Este capitão foi Martim Affonso de Mello, fidalgo de porte e entendimento para esta negociação.

Vejâmos o que a tal respeito escreveu João de Barros.

«Em Malaca se proveu Martim Affonso de Mello para a segunda embaixada da China, levando uma frota de quatro velas, de que elle era capitão-mór, e as outras commandavam Diogo de Mello e Fernando Coutinho, ambos seus irmãos, e Pedro Homem, filho do estribeiro-mór.

E o regimento que levava del-rei D. Manuel, era ir assentar amizade com o rei da China, parecendo-lhe que a tinha a terra comnosco em razão da ida de Thomé Pires, que Fernão Peres d'Andrade lá enviára com o nome de embaixador. E que trabalhasse muito no porto de Tamou [1], ou onde fosse mais proveitoso e seguro para nossas coisas, fazer uma fortaleza em que elle ficasse por capitão, com os officiaes e gente que levava; e ordenasse tudo como as coisas do commercio ficassem em negocio corrente. Esta era a substancia da sua ida.

E porque Duarte Coelho, que a este tempo estava em Malaca, por as vezes que fôra á China, sabia bem do negocio d'aquellas partes, e assim Ambrosio do Rego, que o anno passado viera de lá, a requerimento de Jorge d'Albuquerque, capitão de Malaca, foram ambos com elle, mais por lhe comprazer que por sua vontade, porque sabiam que a terra não estava tão assentada como se cuidava, pelo que com elles tinha passado, e assim succedeu. Porque partindo de Malaca com seis velas, as que elle Martim Affonso levava da India, e as de Duarte Coelho e Ambrosio do Rego, a dez de julho de 1522, chegaram ao porto de Tamou em agosto do mesmo anno, a tempo que os officiaes del-rei da China estavam encarniçados na prêa e roubo que fizeram na fazenda dos nossos, principalmente de Thomé Pires.

[1] O mesmo que Tamão, Tamam ou Tamou, que d'estes tres modos vemos escripto nos nossos historiadores da India, o nome d'esta ilha da China, chamada tambem Beniaga ou Veniaga.

Duarte Coelho, como homem que tinha offendido aquella gente, ou fosse de cautela, ou que o seu navio, por ser junco, não era tão companheiro como os outros, não entrou com Martim Affonso dentro no porto, mas ficou fóra obra de sete legoas. N'este tempo, porque era o da monção que os navios de Malaca, de Patane e Sião, vão demandar aquelle porto para fazerem seus commercios, andava o capitão-mór da armada del-rei da China por aquella costa e entrada da cidade de Cantão. E como viu que os nossos navios foram tomar porto, como gente confiada, e que tinha pouca conta com o que haviam feito, deixou-se estar, e o fez logo saber aos officiaes de Cantão, os quaes temendo que com a vinda d'elle houvesse alguma concordia de paz, e elles tornassem o que tinham tomado, mandaram-lhe dizer que em nenhum modo os consentisse, por serem havidos por ladrões espreitadores das terras, e que el-rei assim o mandava; mas que tivesse modo de romper com elles, posto que pedissem paz, porque tudo era fingido. O qual recado mandaram secretamente sem o saber o ceu-hi, que então chegára e não sabia parte do que elles tinham feito; e por ser official superior d'elles, temiam que, commettendo os nossos paz e elle lh'a concedesse, poderia fazer justiça d'elles. Finalmente, assim como o ordenaram, aconteceu; porque Martim Affonso, sem fazer algum mal nem damno, posto que fosse provocado a pelejar disparando-lhe artilheria, entendendo que o não queriam receber na terra, determinou de haver lingua d'ella, tomando dois linguas de um barco; aos quaes vestiu e deu dadivas, e por elles mandou recado ao capitão-mór da armada. Mas estes não tornaram, nem menos outros que foram os segundos, antes estes lhe disseram como a terra toda estava contra elle, pelos damnos e males que os outros capitães tinham feito n'aquelle porto; e que el-rei mandava que os não consentissem alli; e porventura esta era a causa por que o capitão-mór queria guerra com elles.

N'este tempo mandou Martim Affonso dois bateis nossos fazer aguada a terra, os quaes foram accommettidos dos chins, de maneira que vieram com sangue e sem agua, e ainda houveram que lhes fizera Deus mercê tornarem-se a recolher com a vida ás naus.

Duarte Coelho, como sabia que esta armada tinha tomada a entrada por onde se elle havia de ir ajuntar com Martim Affonso, não ousando de romper tão grossa coisa, mandou de noite uma manchúa, bem esquipada de remos, saber o que fazia Martim Affonso, e dizer-lhe, que seu voto era que se deviam todos juntar. Mas a manchúa, ou que não pôde, ou como quer que fosse, tornou d'ahi a dois dias, e o recado que trouxe foi dizer que sómente houvera vista dos nossos, e que os via estar como gente mais segura do que o tempo requeria; e que os muitos navios pequenos da armada dos chins não se atreviam a chegar a elle. Martim Affonso, pelo que tinha sabido dos da terra, e ter por peior signal não haver resposta do capitão dos chins que viera a pelejar com elle, quiz-se fazer á véla, e tirar d'aquelle logar ao mar largo, porque melhor lhe vinha acharse no largo que mettido n'aquelle estreito.

E antes que descobrisse uma ponta onde se elles haviam de determinar, indo diante seu irmão Diogo de Mello, e Pedro Homem, por trazerem os navios mais pequenos, quasi como descobridores, como os chins estavam em olho do que elles faziam, vieram demandar os dois navios, e começaram de os esbombardear, ao que elles tambem respondiam. Mas como aquella hora não era dos nossos, o primeiro signal que deram de victoria aos inimigos, foi accender-se fogo na polvora que trazia Diogo de Mello, com que as cobertas do navio foram postas no ar, e elle e o casco se foi a fundo.

Pedro Homem, posto que tinha bem que fazer em si, todavia, mandou alguns marinheiros que com o batel recolhessem os nossos que andavam nadando, parecendo-lhe que algum poderia ser Diogo de Mello; e isto foi caso de mais prestes os chins lhe entrarem o navio, pelo achar com aquella gente menos, posto que lhe custou a entrada mui caro, porque Pedro Homem, assim como era no corpo um dos maiores homens de Portugal, assim a valentia de seu animo e forças corporaes eram differentes do commum dos outros, o que poucas vezes se acha nos de sua estatura. E foi o seu pelejar de maneira, que se não foram os tiros da artilheria, nunca morrêra. Tamanho temor tinham os chins de chegar a elle! Mas como esta não perdôa a pessoa alguma, ella o matou, e a muitos que o ajudavam.

E porque os chins quasi todos acudiram á entrada d'este navio, teve Martin Affonso logar de escapulir d'aquella multidão, e veiu depois achar-se com Duarte Coelho na costa de Choampa. O qual tambem teve que contar de como escapou de duas armadas dos chins; mas parece que tinha melhor fortuna só com elles que acompanhado. Os chins (como já atraz contámos) não quizeram mais para abonar suas razões de que commettêramos a armada del-rei.

Com este feito acabaram de matar Thomé Pires, e assim os que com elle foram presos, e ficou total guerra entre nós e elles. E segundo alguns dos nossos depois escreveram, mais morreram na cadeia de fome, e mau tratamento que n'ella davam, que por justiça. Porque esta, de morte, como ha de ser confirmada por el-rei, e com pregão, não se fez execução n'elles senão depois de vir recado del-rei, que foi em setembro do anno de 1523. E segundo seu modo, vinte e tres pessoas foram feitas em pedaços, cortando-lhes pés, mãos e cabeça, com pregão de ladrões roubadores das terras; outros foram mortos á bésta, celebrando muito esta justiça por tirarem a opinião que o povo tinha concebido de nós, assim em valentia como em proveitosos no commercio ás terras onde o faziamos.

Martim Affonso, como não se deteve na China mais que quatorze dias, em que passou este trabalho, chegou a Malaca meado de outubro de 1522; e na monção de janeiro de 23, veiu para a India, e d'ahi para este reino no anno 525, aonde chegou a salvamento.»

Ouçamos tambem, com a devida attenção, o que sobre o mesmo assumpto escreveu o nosso mimoso Fr. Luiz de Sousa.

No liv. I cap. 20 dos *Annaes de D. João* III, achados e publicados pelo sr. A. Herculano em 1844, assim se exprime o nosso classico dominicano, a respeito d'esta segunda embaixada á China:

Passaremos agora com Martim Affonso de Mello Coutinho á China.

Era a ordem que levava del-rei D. Manuel ir-se ao porto de Tamou, e procurando amizade com o rei d'aquella grande provincia, a China, edificar n'elle, ou n'outro logar que mais accommodado parecesse, uma fortaleza em que elle ficasse por capitão. Facilitava o negocio ter mandado Fernão Peres de Andrade um embaixador ao mesmo rei, que foi Thomé Pires; e não havia até então novas do mal que lhe saira a jornada.

Levou para o effeito quatro navios, de que eram capitães, elle, e Vasco Fernandes Coutinho, e Diogo de Mello Coutinho, seus irmãos, e Pedro Homem, filho de Pedro Homem, que fôra estribeiro-mór del-rei D. Manuel. Juntaram-se-lhe mais em Malaca, d'onde saiu em dez de julho d'este anno (1522), duas velas de Duarte Coelho e Ambrosio do Rego. Por

agosto chegou á ilha de Tamou, e entrou no porto acompanhado de Diogo de Mello, e Pedro Homem, com tanta confiança e descuido, como se entrára na barra de Goa. E foi na peior conjunção que podéra ser, porque em terra andavam os chins encarniçados na prisão do embaixador Thomé Pires e seus companheiros, e muito mais no roubo de seu fato e fazenda, que era muita e boa; e no mar corria a costa uma armada grossa da mesma provincia, por ser monção em que acudiam áquelle porto navios de varias nações a fazer seu trato.

Procurou Martim Affonso tomar lingua da terra; mandou um barco e outro ao general da armada. Não lhe tornando nenhum, entendeu que estava tudo de guerra, e que fizera erro em se metter no porto. Determinou sair-se ao mar largo. Não esperavam mais os chins que ver o movimento que fazia. Tanto que viram que os nossos se faziam á ve-

LOGARES MEMORAVEIS

V



Casa onde nasceu Almeida Garrett. Porto, rua do Calvario n. 19 e 20.

la, foram sobre elles com todo seu poder, disparando muita artilheria. Era o partido muito desegual, e acrescentou a desegualdade um desastre; deu fogo na polvora do navio de Diogo de Mello, voaram as cobertas para o ceo, e foi toda a gente ao mar, uns mortos, outros nadando. Era Pedro Homem tão animoso, que lhe não tolheu a vista de tantos inimigos, mandar alguns homens no batel a ver se podiam salvar Diogo de Mello; e foi parte, a falta d'elles, para ser accommettido com mais ousadia dos chins, e com menos difficuldade entrado. Era Pedro Homem de corpo agigantado, e de forças e animo egual.

Pelejou de maneira, que se o não acabára um tiro de fogo, contra quem não valem forças nem esforço, podéramos dal-o por vencedor de um exercito inteiro. E isto é certo, que tiveram tanto que fazer os chins, como elle só, e com o seu navio, que isso valeu a Martim Affonso para não entenderem com elle. Assim vendo que não tinha outro remedio, se fez á vela para d'onde viera, e chegou a Malaca meado de outubro do mesmo anno; e d'ahi se passou á India na monção.

E d'este modo se mallogrou tambem a segunda embaixada portugueza á China!

CASA ONDE NASCEU ALMEIDA GARRETT

A pertinaz enfermidade que ha tantos mezes, com poucos intervallos, afflige o nosso bom amigo e collaborador F. Gomes de Amorim, tem privado o publico da continuação dos extractos do seu livro, inédito, sobre os ultimos annos de vida litteraria do para sempre chorado poeta nacional, Almeida Garrett, que publicámos no antecedente volume. [1]

Pela mesma razão se interrompeu o estudo analytico dos «poetas portuguezes no Brasil», que o mesmo auctor começou a escrever no citado vol. [2]

[1] Vid. os n. 116, 130, 138, 162, 170 e 222.
[2] Vid. os n. 10, 21 e 29.

Este rebelde e doloroso padecimento, que principalmente lhe ataca a vista, e que os facultativos julgam originado das vigilias e contradicções que elle supportou com animo resoluto e heroica dedicação, durante a mortal doença do seu protector e amigo intimo, Almeida Garrett, não lhe consente ainda acompanhar, com algumas noticias interessantissimas da infancia do seu e nosso saudoso poeta, a gravura da casa onde elle nasceu.

O desenho d'esta casa, memoravel por ter sido o solar natalicio de tão grande engenho, foi-nos offerecido pelo nosso collaborador e esperançoso poeta, o sr. J. Ramos Coelho.

Um dos brasões que tanto afamam a invicta cidade do Porto, é ser a terra natal do restaurador do theatro portuguez, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, que alli nasceu aos 4 de fevereiro de 1799, na casa n. 30 da rua do Calvario, freguezia de S. Martinho de Cedofeita, casa que se conserva no estado que representa a nossa gravura.

Seu pae, Antonio Bernardo da Silva Garrett, fidalgo da casa real, era a esse tempo guarda-mór da alfandega do Porto. Com quanto tivesse nascido na ilha do Faial, era descendente de uma familia irlandeza, que, por motivos religiosos, emigrára para Madrid, e d'alli viera a Portugal na comitiva da rainha D. Marianna Victoria, mulher del-rei D. José, em 1721. Sua mãe, D. Anna Augusta de Almeida Leitão, era oriunda do Brasil.

O nosso Garrett, pois, tem na sua arvore genealogica tres raizes — irlandeza, brasileira e portugueza.

No tempo da invasão franceza passou seu pae á ilha Terceira, e ahi foi educado Almeida Garrett. Elle mesmo o conta no prologo da *Mérope*, tragedia dedicada a sua mãe. Ouçamol-o, que é delicioso:

«Digo que tinha dezoito annos quando escrevi a *Mérope*. Mas tinha doze quando comecei a pensar n'ella (em 1811?). Estava eu na ilha Terceira, e cheio de presumpções de hellenista, porque um santo velho que alli havia, o sr. Joaquim Alves, excellente homem, que usava do mais exquisito barrete e da melhor marmellada que ainda se fez — me tinha feito entender quatro versos de Homero. Tive a confiança de querer ler Euripedes no original; e com o auxilio do padre Brumoy, cheguei a conhecer soffrivelmente algumas das suas tragedias. Não cabia em mim de contentamento e de enthusiasmo. Euripedes era o maior tragico do mundo — já se vê por que.

— E mais falta o seu melhor drama que se perdeu — me dizia o bom do velho, a *Mérope*, isso é que era tragedia!»

Para a diocese de Angra foi transferido, em 1812, seu tio, o bispo de Malaca, D. Alexandre da Sacra Familia, homem sabio e bom poeta, a quem o sobrinho se confessa, em diversos logares das suas obras, devedor da instrucção que recebêra na mocidade.

No mesmo prologo da *Mérope* transcreve Almeida Garrett o seguinte dialogo que teve com o douto bispo.

«Havia alli tambem n'aquella minha saudosa ilha Terceira outro velho que me ajudou a criar, e a quem devo quasi tudo quanto sei. Era meu tio D. Alexandre, que não gostava de Euripedes — barbaro! nem acreditava na minha sciencia hellenica — incredulo! e que, de mais a mais, um dia me fez perder as minhas tão caras e doces illusões, dizendo-me que no theatro inglez e no castelhano havia melhores coisas que nos classicos de Athenas.

— Mas não ha ũa *Mérope* como aquella de Euripedes que se perdeu.

— Não; mas ha em italiano a de Maffei, que tem toda a simplicidade, elegancia e regularidade antiga, sem aquellas declamações tão seccantes do teu Euripedes.

— Em italiano! Tomára eu lel-a.

— Pois tambem já tu sabes italiano?

— Sei, sim, senhor; li um volume inteiro de Goldoni, e alguns tres de Metastasio.

Era verdade; não me lembra como achei, mas recordo-me que devorei logo uns tomos truncados d'aquelles theatros, e fiquei-me tendo por tão bom toscano como um academico da Crusca.

Andava já dos oitenta por diante o honrado velho de meu tio; outras vaidades do mundo não lh'as conheci; era religioso verdadeiro, e digno successor dos apostolos; mas em se lhe fallando em litteratura, valha-me Deus!

— Pois em italiano não o tenho, me disse elle, nem t'o dava se o tivesse, que o não entendias. Mas em portuguez aqui tens; está traduzido fielmente.

E tirou, de uma estantesinha baixa que tinha ao pé de si, um pequeno volume manuscripto, que eu fui logo ler com toda a ancia.

A traducção era d'elle; não gostei, mas não lh'o disse. Nem gostei muito da tragedia; despida d'aquelle interesse que a difficuldade de as entender, e o prestigio da antiguidade me fazia achar nas peças gregas, a admiravel e primorosa composição de Maffei não era para a admirar e entender um fedelho como eu; não me fez impressão alguma; jurei que era um assumpto estragado. Mas o assumpto achei-o bello, e tive o atrevimento de imaginar que havia de aproveital-o eu!

Outras emprezas e projectos de não menos ridicula ousadia livraram, por então, a pobre *Mérope* das minhas mãos.

Vim para a universidade: os primeiros dois annos não fiz versos nem li poetas; tive a coragem de pôr o meu espirito em dieta de direito romano — coisa utilissima; depois tomei uma indigestão de Filangieri, e de todos os publicistas que então eram moda em Coimbra, coisa não só inutil, mas perniciosissima! E o que mais é, a ninguem disse, ninguem soube que eu tinha a desgraçada manha de poeta.

Deus perdôe a meus respeitaveis mestres, o sr. J. Vaz, que no primeiro anno, e o sr. Trigoso no segundo, me não deram o premio que eu de certo mereci. Tinham feito um veneravel palheirão jurista de mais, e um jan-ninguem de um poeta de menos.

Tambem teve sua culpa o sr. Honorato, quando, em meu despeito com as faculdades juridicas, me fui fazer mathematico.

A algebra é bom contraveneno para os empeçonhados de poesia; mas ha de ser dado com geito e tento. Quiz-me fazer engulir dóses muito grandes; não me pôde o estomago com ellas. Zanguei-me, fiz-lhe um soneto, mostrei-o, acharam-lhe graça — fiquei perdido!

Jacta est alea. Fui declarado poeta «em plenos geraes», e destampei a fazer versos como um desalmado de dezeseis annos que eu era.

Mas pensam lá que o fedelho ia ao soneto, ou se ficava na ode pindarica? Agora! Calçou o cothurno sem mais ceremonia, e poz-se a fazer tragedias que era uma lastima.

Os *Persas* de Eschylo já eu tinha, havia mais de quatro annos, embrulhado e desconjunctado em uma coisa de cinco actos, que alcunhára de tragedia com o nome de *Xerxes*. Fui-me a ella, inchei-lhe mais os versos, assoprei-lh'os á *bocagiana*, e fiz um portento que alguns rapazes, meus amigos, representaram logo entre os applausos da academia.

Perdeu-se essa obra prima em uma das muitas mãos por onde andou a copiar (todos queriam uma copia d'aquelle portento!). E é pena, que muito me havia de divertir agora!

Fiz uma *Lucrecia*, e representou-se! Oh! que Lu-

crecia! Fiz um *meio* Affonso de Albuquerque; um *quarto* de Sophonisba; uma Atala quasi toda; e não sei quantas coisas mais; mas foram muitas as que eu *comecei* pelo menos.

N'isto li o Alfieri e o Ducis.

....

Mas estes dois tragicos transtornaram as minhas idéas dramaticas. Perdi toda a fé nas crenças velhas, e não entendia as novas, nem acertava com ellas. N'este estado compuz a *Mérope*. »

Eis o que Almeida Garrett nos deixou escripto á cêrca dos seus estudos domesticos e universitarios, assim como da sua primeira composição dramatica.

Note-se a familiaridade da phrase d'estes periodos, e com que naturalidade elle usa de plebeismos que outrem não saberia pôr tão no seu logar.

LENDAS NACIONAES

I

TOMADA DE SANTAREM

1147

I

Eram passados quasi oito annos depois que os portuguezes, ebrios de enthusiasmo, acclamaram por seu primeiro rei o vencedor de Ourique. E todo este periodo do seu reinado passára D. Affonso Henriques nos campos de batalha, disputando o terreno aos moiros palmo a palmo, e sempre alargando com a ponta da espada as fronteiras da nascente monarchia.

Quem não invejaria a sorte do ditoso filho do conde D. Henrique? Ainda tão moço, e já radiando-lhe da fronte a gloria do heroe, o diadema da realeza; a auréola do eleito do povo, e o titulo de campeão de Christo!

Tantos castellos e tão poderosos reis rendidos ao valor do seu braço; tão valentes guerreiros alistados nas suas bandeiras; um povo tão bellicoso e dedicado submettido ao seu sceptro; uma princeza, gentil e formosa, ha pouco ligada ao seu destino por laços que só a morte rompe; em fim, Deus sempre propicio aos seus votos; a felicidade sempre a sorrir-lhe, que mais podia desejar Affonso Henriques? Quem não julgaria, ao vê-lo repoisado nos seus paços de Coimbra depois de tanto lidar, que alli saboreava, sem cuidados nem ambições, as doçuras da paz, e d'hymeneo?

Mas como se enganavam os que assim o julgassem! Nascido dentro de uma fortaleza; embalado ao som d'hymnos guerreiros; criado nos arraiaes entre o estridor das armas; o moço rei não conhece delicias, senão nas durezas da guerra; nem sabe descançar, senão em novas e porfiadas pelejas.

E não tem elle para cumprir alta e ardua missão, que o impelle sem cessar aos combates? Não o fadou a Providencia para resgatar do poder mauritano esta formosa terra de Portugal, classica em todos os tempos pelo seu amor á independencia e á liberdade? Não o elegeu um povo livre para fundador de uma monarchia gloriosa?

O espirito d'Affonso Henriques está a par da altura da sua missão. O que tem obrado é já muito para lustre e fama do seu nome; mas ainda é pouco para o complemento da empreza a que metteu hombros.

Do rio Minho ao Lis tremúla desassombrado o pavilhão das quinas, e sobem livremente até ao throno do altissimo os canticos e preces dos christãos. Mas do Lis ao Tejo, e ainda além, gemem oppressas dos infieis terras da Lusitania, regadas pelo sangue de muitos martyres.

E no meio d'esse paiz, entregue ás torpezas de Mafoma, campêa altiva com gesto ameaçador a torreada Santarem. E o rei dos portuguezes, lá na sua deliciosa mansão, na sua Coimbra tão bella, cercado de tantos encantos, preso a tão doces e floridas cadeias, não pensa, nem sonha senão em possuir Santarem.

Este ardente desejo não significa simplesmente uma ambição de conquistador, mas tambem um passo politico de um chefe illustrado, uma necessidade urgentissima da monarchia novel, porque em quanto luzir o crescente musulmano sobre os muros de tão forte praça de guerra, não só D. Affonso verá impedido o passo aos seus triumphos na Estremadura, mas nem haverá segurança para as terras que libertou n'esta fertil e rica provincia.

Santarem é, pois, com justo motivo, para D. Affonso Henriques o alvo constante dos seus pensamentos, e o pesadelo de todos os seus sonhos.

II

As tristezas do inverno começavam a desapparecer ante a luz vivificadora do sol de março. A natureza acordava do seu lethargo para se ornar de viços e flores. E Coimbra, tão gentilmente sentada á borda do Mondego, sorria-se vaidosa, espelhando-se nas suas purissimas aguas, e vendo-se cercada de pompas por toda a parte.

Os campos, desaffrontados de importunas cheias, tapetavam-se de relva, e de viços as cearas entresachadas de malmequeres e boninas. Nos copados laranjaes misturavam-se com os pomos de oiro alvas e fragrantes flores. Os bosques das margens do rio vestiam novo manto de verdura, onde os rouxinoes entoavam suas melodias saudosas. Nos montes visinhos até os penedos verdejavam. As serras ao longe trocavam alva mortalha de inverno por coberta de verdores. E o Mondego, ainda opulento com os restos de passada grandeza; cortando em voltas mil tão formosas campinas; purificando-se nas brancas areias do seu leito; parecia ufano e soberbo das bellezas que retratava em seu seio cristallino.

A cidade de Coimbra tambem trajava galas, e respirava alegria. Nos templos rendiam-se graças ao Omnipotente, como penhor de gratidão, por entre nuvens de incenso, e sons festivos. Nas praças e nas ruas echoavam ruidosas acclamações em testimunho do jubilo popular.

O ceo parecia attender os votos do rei e do povo, concedendo um herdeiro a Affonso Henriques. A rainha D. Mafalda acabava de dar á luz (5 de março de 1147) um robusto infante, que recebeu na pia baptismal o nome de Henrique em memoria de seu illustre avô, ao qual em poucos annos foi fazer companhia, querendo-o Deus para anjo, e não para rei. Este titulo destinava-o em seus inescrutaveis mysterios para o infante D. Sancho, segundo genito.

Tudo, pois, era festa e alvoroço na cidade e no paço. Só el-rei mostrava tomar pequeno quinhão em todos esses regozijos, como se lhe fôra indifferente o assumpto, que tão de perto lhe tocava. Todavia apesar da taciturnidade, que lhe annuveava o rosto, lá dentro do peito não deixava de exultar o seu coração de pae e de monarcha, quando a idéa, que o trazia preoccupado, lhe dava tregoas ao espirito.

No ponto, pois, em que a nossa historia começa, passeava sósinho D. Affonso Henriques n'um terrado dos seus paços de Coimbra.

O sol nascente tingia de rubra côr algumas nu-

vens diaphanas, que se accumulavam no horisonte, parecendo vir saudar o astro brilhante na sua marcha triumphal. E as cumiadas das montanhas inundavam-se de resplendores, que trasbordavam para os valles ondas de luz e de vida.

Á sublimidade d'este espectaculo, que o Creador nos offerece todos os dias, juntavam-se alli as magnificencias de uma paizagem sempre risonha e pittoresca, como a não póde phantasiar mais bella a invenção imaginosa do poeta ou do pintor, e agora realçada pelos magicos encantos da primavera de Portugal!

E el-rei olhava para todo este quadro maravilhoso, sem achar objecto, que lhe captivasse as faculdades d'alma! Tão vago e distrahido era o seu olhar!

A agitação dos seus passos, o franzido da testa, e certo movimento dos labios, denunciando colloquios intimos, indicavam claramente, que n'aquella alma de tão rija tempera, de tão ousados pensamentos, se revolvia alguma idéa grandiosa em lucta com difficuldades gigantescas.

E se o visseis de vez em quando parar, e de improviso fixar a vista nos montes d'além do rio, como se viera assaltal-o um novo pensamento, um subito cuidado; e depois de estar assim alguns minutos, immovel e sem pestanejar, como quem tem presa a attenção e suspensos os sentidos, apertar as mãos, comprimir os beiços, carregar ainda mais o sobrecenho, e continuar o seu giro apressado, adivinharieis que o atormentava tambem a impaciencia de quem espera por alguem, que muito lhe tarda.

Cançado porém d'esta lucta silenciosa, precisando desafogar o peito das phrases sentidas, que de continuo lhe vinham morrer nos labios, exclamou, finalmente, acompanhando a voz com gesto d'insoffrido: «Que succederia? Adivinhariam aquelles perros o segredo do meu mensageiro? Arrancar-lh'o-hiam á força de tormentos? Acabaria no martyrio o valente em que tanto confiava para augmento da fé e do meu reino? E que farei, se elle não voltar? Devo renunciar aos meus planos tão queridos, que ha tantos dias me roubam a tranquillidade e o somno? Largarei mão de uma empreza mais de Deus, que minha propria? E que remedio haverá senão resignar-me a ver não passar de um sonho este meu sonho doirado! Que remedio, se entre todos os meus cavalleiros não ha outro Mem Ramires, que se atreva ao que este se atreveu!»

Isto dizia D. Affonso com singular commoção. E começou a passear sem ver mais coisa alguma que as lages que pisava, e os montes d'além, para onde volvia os olhos a todo o instante. Mas, em fim, tantas vezes olhou, até que lá descobriu um vulto que excitou a sua curiosidade.

Era um cavalleiro, que vinha galopando a toda a brida pela encosta do monte, onde agora avulta o mosteiro de Santa Clara.

El-rei não despregava os olhos do cavalleiro, seguindo-o em todas as voltas do caminho, que em torcicollos descia para o rio. Entre esperanças e receios, ora o tomava por Mem Ramires, ora o suppunha desconhecido.

No meio d'estas incertezas crescia-lhe no peito a anxiedade e o receio. Eis que assoma o cavalleiro á grande ponte de pedra, que pouco havia fôra lançada sobre o Mondego por ordem de D. Affonso Henriques. Era elle, o tão esperado e tão desejado Mem Ramires.

Não pôde reprimir el-rei um brado de alegria, reconhecendo o amigo e fiel vassallo, que julgára perdido, e que tanto se arriscára em seu serviço. E quando, já de mais perto, divisou n'elle signaes inequivocos de satisfação, sentiu el-rei afoguear-se-lhe o rosto, e pulsar-lhe com violencia o coração, como sentia no campo da batalha, no momento solemne em que ao impulso de um esforço desesperado, arrancava das mãos do inimigo a palma da victoria tenazmente disputada.

A primeira resolução de D. Affonso foi correr ao encontro do mensageiro, inquiril-o onde quer que o encontrasse, para ir saciar o mais breve possivel nas palavras d'elle a sêde de noticias que o devorava. E lá transpoz o terrado com a velocidade da aguia, que se arremeça sobre a preza. Atravessa correndo algumas salas do paço; mas pára de repente como se o assombrasse um raio. E raio foi de luz o que lhe deteve os passos! Acudiu-lhe a tempo a reflexão, brilhante centelha da razão divina, e sopeou-lhe n'alma os impetos da impaciencia juvenil.

«Não, exclamou el-rei, não passo d'aqui. Fôra imprudencia encontrarmo-nos diante de testimunhas, que poderiam ler no meu alvoroço o segredo, que é mister guardar como condão, que, depois de Deus, ha de fazer o milagre! Esperal-o-hei n'esta sala, onde ninguem virá perturbar-nos.»

D. Affonso foi fechar cuidadosamente todas as portas do aposento, excepto aquella por onde devia entrar D. Mem Ramires. Depois, com o espirito mais serenado e o semblante mais composto, lançou-se de joelhos diante de uma imagem da Virgem, que havia n'aquella sala, sobre um bofete, e mettida n'um pequeno oratorio de cedro, primorosamente esculpido, que a seu pae mandaram de Jerusalem, por mimo muito especial.

Assim orando fervorosamente para que Nossa Senhora intercedesse pelo exito feliz da empreza, que meditava, esperou D. Affonso Henriques pela chegada do mensageiro.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

Ainda que Deus muitas vezes permitte os maus, para com sua iniquidade exercitar os bons; comtudo, tambem é certo que a seu tempo não lhes falta com o castigo; o qual ainda que pareça que tarda, e que vem (como o outro dizia) manquejando, nunca deixa de chegar, e não perdôa nem aos sceptros reaes, nem solios soberanos.

P. BALTHASAR TELLES.

ENIGMA

